

ARQUITETURA HOSPITALAR: QUAIS OS PREDICADOS DE UMA BOA INSTALAÇÃO?

Quais os predicados de um “bom” hospital ou de qualquer outra instalação voltada para serviços médicos? Dependendo de quem responde a essa pergunta, os fatores citados podem diferir bastante. Pacientes, corpo técnico, funcionários de apoio e administradores possuem diferentes relações e desempenham atividades diversas naquele espaço e, conseqüentemente, suas demandas e expectativas nem sempre serão as mesmas.

A arquitetura hospitalar deve atender a essas demandas e expectativas, procurando compatibilizá-las e distribuí-las pelo espaço físico. Precisa, também, considerar aspectos técnicos, de segurança e proporcionar a implantação de dispositivos que auxiliem na administração do edifício e gestão dos processos envolvidos. Além das atividades-fim, o projeto hospitalar precisa considerar ainda um grande número de funções, atividades de suporte, equipamentos, instalações especiais e serviços de apoio como lavanderias, cozinhas, serviços de suprimentos, coleta de lixo, manutenção, entre tantos outros. Assim, o projeto de edificações destinadas a serviços de saúde envolve grande quantidade de fatores a serem contemplados. Edificações voltadas para diferentes especialidades médicas demandarão programas diversos. Da mesma maneira, de acordo com o porte da unidade projetada, serão necessários, ou não, alguns tipos de ambientes e equipamentos. Além disso, muitas vezes o projeto de arquitetura será desenvolvido para uma ampliação ou modificação de edificação existente, sendo necessária a sua adequação a um espaço físico já consolidado. Porém, apesar da enorme possibilidade de cenários para o desenvolvimento de um projeto hospitalar, alguns fatores devem ser considerados em qualquer uma dessas situações.

Projetos de arquitetura devem ser respostas a demandas em relação a um espaço físico, tendo como foco os usuários. Assim, a arquitetura hospitalar busca a criação de ambientes onde os pacientes possam ser atendidos com eficiência, conforto e dignidade, o corpo técnico possa desenvolver suas atividades de maneira adequada e as atividades de apoio transcorram de forma a dar suporte e complementar as atividades básicas. Estudos mostram que a qualidade do ambiente contribui na recuperação de pacientes e no nível dos serviços médicos prestados. A relação entre os diferentes setores do edifício é de grande importância para a qualidade do ambiente. Essa relação se dá de forma física, através do provimento de circulações amplas, sinalização visual adequada e hierarquização na distribuição de áreas, fatores que proporcionam conforto aos usuários, incrementam a segurança e contribuem para o bom rendimento dos que trabalham. A redução de deslocamentos, através da racionalização de fluxos, também precisa ser considerada. A utilização de tecnologia da informação, o registro adequado de pacientes e atividades, além da organização de processos, contribuem para essa boa relação e podem ser facilitadas através de dispositivos pensados na distribuição das áreas e atividades.

Acessibilidade e segurança passiva devem ser questões relevantes na elaboração dos projetos. O desenho universal e a escolha de materiais adequados proporcionam o acesso de todos aos ambientes projetados e, no caso de uma edificação hospitalar, são essenciais. Os dispositivos para prevenção e combate a incêndios, contemplando o provimento de rotas de fuga e possibilidade de “compartimentação” do edifício, não podem também ser deixados em segundo plano.

A distribuição interna e o dimensionamento de diferentes setores irão variar de acordo com o porte, com as especialidades presentes na unidade de saúde e com os equipamentos disponíveis. Porém, a flexibilidade para alteração do layout desses espaços é de grande importância, uma vez que novos procedimentos e equipamentos podem ser adotados, muitas

vezes em curtos espaços de tempo. Na elaboração do projeto arquitetônico, essa possibilidade de rearranjos precisa ser considerada, tanto em termos estruturais, quanto na distribuição de instalações e na escolha dos materiais. As modificações poderão se restringir ao espaço interno do edifício existente ou consistir em acréscimos de área. No caso de ampliações horizontais, o entorno da edificação precisa ser considerado para que sejam evitados impactos negativos como redução da possibilidade de iluminação e ventilação naturais, perda de privacidade, obstrução de acessos e rotas de fuga e interferências negativas a construções vizinhas. Já as ampliações verticais consistem em uma solução normalmente mais complicada, dispendiosa e de maior impacto, sendo o partido estrutural existente relevante para a exequibilidade da intervenção.

A escolha de materiais de acabamento deve ser feita levando-se em consideração sua qualidade, durabilidade, possibilidade e facilidade de reposição, além de facilidade de cuidado, higienização e manutenção. A padronização desses materiais contribui na noção de limpeza e organização do ambiente, contribuindo também para sua identidade visual. Além disso, materiais adequados instalados de acordo com detalhes arquitetônicos específicos podem favorecer no controle de infecções e na higiene do local.

A complexidade de um projeto hospitalar é enorme e a qualidade do projeto arquitetônico é determinante na futura operação do edifício. Porém, o planejamento não se resume apenas à etapa projetual. As mudanças são constantes, levando a modificações e adaptações que, quando não previstas no projeto original, ou não estudadas e programadas de maneira racional e considerando o conjunto, podem vir a descaracterizar a edificação e a ocasionar diversos problemas na sua operação e no desempenho das atividades que ali ocorrem. A existência de um plano diretor de intervenções é, assim, essencial para que os gestores possam ter controle sobre futuras alterações, planejando-as e impedindo que a solução de um problema venha a se tornar o motivo de outro.

Autora: Maria Cristina Henning Sampaio
Arquiteta e Urbanista, atualmente Professora do Departamento de Construção Civil e Transportes (FEN/UERJ)